



PERCEPÇÃO ESPAÇO TEMPORAL DA FAUNA CINEGÉTICA PELOS CAÇADORES DO RIO CUIEIRAS: UMA ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA.

Marilena A. Arruda Campos

Thiago Mota Cardoso; Gilton Mendes dos Santos; Victor Py - Daniel

Msc. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), e - mail: marilenacampos@hotmail.com. Msc. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e IPÊ-Instituto de Pesquisas Ecológicas. Dr. Universidade Federal do Amazonas (UFAM)-Co - orientador. Dr. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)-Orientador

INTRODUÇÃO

O estudo ecológico da dinâmica espaço/temporal da fauna informa as variações na distribuição e abundância dos organismos, que podem ser causadas tanto pela influência de mudanças ambientais como pelas características intrínsecas de cada população. (Ricklefs, 1993). Para os povos tradicionais, as variações dos animais no espaço e no tempo, além dessas causas, também estão integradas e ligadas a elementos sociais, culturais e econômicos (Berkes, 1999), e a relação que é construída com cada animal em cada espaço (Descola, 1996).

A percepção dos caçadores tradicionais sobre a heterogeneidade espacial indica a existência de formas de classificação das áreas ecológicas que revelam um modelo nativo de compreensão da paisagem estreitamente relacionado aos saberes sobre os habitats dos animais. Considera - se o habitat de um organismo como sendo o lugar onde ele vive, ou o lugar para onde alguém iria para procurá - lo, ou ainda o “endereço” da espécie (Odum, 1988). Cada uma dessas paisagens percebidas, ou ecozonas (Posey,1997), se distingue por apresentar um conjunto integrado de atributos localmente percebidos, tornando, assim, a identificação da paisagem uma construção coletiva e individual que depende da construção simbólica e da história de socialização das pessoas com o ambiente, (Hirsch and Hanlon, 1995; Ingold, 2000), ou seja, de experiências e vivências dos caçadores ao longo do tempo.

OBJETIVOS

Este trabalho visa descrever alguns aspectos ecológicos do cabedal de conhecimento dos caçadores do Rio Cuiéiras (Baixo Rio Negro, no Amazonas) associados a dimensão tempo/espaço da fauna cinegética. Tal abordagem apoia - se na literatura da ciência ecológica (Odum, 1988; Ricklefs, 1993) mas procura estabelecer uma ponte - diálogo com as formas de classificações nativas. Esse diálogo, porém, tem

seus limites, pois, para os caçadores, esses conhecimentos se apresentam de maneira “interligada”, acionando diferentes campos das qualidades cognitivas.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo foi realizado em cinco comunidades localizadas no Rio Cuiéiras um afluente do rio Negro em sua margem esquerda, distante de sua foz cerca de 50 quilômetros de Manaus, no Amazonas. As comunidades (pluriétnicas) estudadas são compostas por famílias indígenas das etnias Baré, Tukano, Tikuna e por caboclos.

Neste trabalho buscamos metodologias que abordassem a relação do ser - humano com o restante da natureza de forma interdisciplinar e complexa. Para isso, a etnoecologia, como definida por Marques (2002), foi utilizada em diálogo com a antropologia na tentativa de considerar as dimensões culturais e simbólicas que sustentam o pensamento desses caçadores.

A coleta de dados teve início em agosto de 2006 e se estendeu até novembro de 2007. As primeiras visitas objetivaram conhecer os moradores locais e acompanhar o dia - a - dia das comunidades, o que permitiu a troca de informações e a anuência para o acesso ao “conhecimento tradicional” de domínio dos caçadores.

Estes, por sua vez, foram apontados pelos moradores ou se identificaram como especialistas na prática da caça. A pesquisa valeu - se de entrevistas não estruturadas, possibilitando um diálogo livre entre pesquisadora e consultor local e entrevistas com perguntas semi - estruturadas, em que alguns temas foram fixos e outros foram desenvolvidos durante o transcurso das entrevistas visando canalizar o diálogo para certas questões a serem investigadas. Foram utilizadas ainda, pranchas com imagens dos animais da região para identificação e validação das etnoespécies citadas pelos entrevistado/informantes com o nome científico correspondente de cada uma. Durante toda a pesquisa de campo prevaleceu a observação participante,

onde procurei me inserir nas atividades da comunidade e travar diálogos com os caçadores locais.

Cabe ressaltar que este trabalho obteve aprovação do Comitê de Ética com Seres Humanos do INPA estando de acordo com a Resolução CNS/MS 196/96. Com liberação em 30/11/2006, e consulta e liberação do CGEN, Processo nº 02000.003900/2006 - 38.

RESULTADOS

A classificação das unidades de paisagens e a percepção das variações temporais dos animais pelos caçadores do Rio Cuieiras levam em conta um conjunto de interações entre os seres vivos e o meio físico, além também de serem dinâmicas, por isso apresenta - se complexa e detalhada aos olhos dos caçadores. Dessa forma eles sabem onde e quando determinada espécie vai estar e também o porquê dela estar lá, otimizando o sucesso das estratégias de caça e avaliando o aumento ou diminuição das populações nos espaços.

A escolha do local de caça envolve um íntimo conhecimento da área, identificação e visitação das unidades de recurso ou zonas ecológicas existentes. O caçador define o local do território em que irá caçar de acordo com a acessibilidade, as preferências e seu conhecimento acerca do comportamento do animal e de características da paisagem. Para a área de estudo observou - se que os caçadores contam com um conhecimento detalhado sobre a floresta e os animais, sendo capazes de imitar os sons de boa parte deles e de identificar seus rastros, reconhecendo também o tipo de alimentação e comportamentos de cada animal. Esse conjunto de conhecimentos influencia o rendimento da caça e apresenta - se diretamente relacionado às estratégias empregadas.

Os caçadores do Rio Cuieiras percebem, identificam e nomeiam 17 unidades de paisagem relacionadas a ocorrência da fauna cinegética utilizando critérios como a variação topográfica, aspectos hidrográficos, distúrbios ambientais, tipos de solo e tipos de vegetação sendo: roça, capoeira baixa, capoeira alta, sítio, mata alta, mata baixa, campina, patauazal, buritizal, palhau, restinga, caatinga, igapó, beira do rio, praia, rio e igarapé. Vários autores têm estudado os sistemas tradicionais de classificação da paisagem descrevendo suas formas em detalhe (Descola, 1996; Frechione *et al.*, , 1989)..

No trabalho de Frechione *et al.*, , (1989) foram descritas 40 unidades de paisagem percebidas por um caboclo da região do lago Coari (AM)-boa parte dessa nomenclatura coincide com as adotadas pelos caçadores do Rio Cuieiras.

A classificação utilizada no Rio Cuieiras não distingue literalmente uma floresta natural e antropizada. O termo mata virgem, por exemplo, tem outras denominações como mata alta, ou terra firme, e diz respeito ao porte da vegetação e ao processo final de regeneração após seu uso. Dessa forma, na percepção geral dos caçadores, toda a floresta já sofreu algum tipo de influência humana, seja recente ou muito antiga.

A topografia foi o critério mais inclusivo para a classificação das paisagens, sendo organizada em: terras baixas, barrancos e terras altas. As chamadas terras baixas são consid-

eradas aquelas que sofrem influência do ciclo hidrológico e estão sujeitas a alagamentos periódicos, fato que influencia na dinâmica e na formação das unidades de paisagens que compõe as terras baixas: rio, igarapés, beiras do rio, igapós, restingas, praias e sistemas de charcos (Patauazal, buritizal e palhau). Os barrancos, assim como as terras altas podem abrigar roças, sítios, capoeiras e a mata; nas terras altas encontram - se a campina e a caatinga.

Para os caçadores, a distribuição dos animais não se dá apenas no “nível horizontal”; a “verticalização” indica as unidades de recursos, agrupando - as em diferentes alturas (extratos) na paisagem. No Cuieiras, são identificados sete extratos verticais relacionadas à ocorrência da fauna, sendo eles: leito do rio, beira do rio, buracos (sub - solo), solo, (1 - 10m acima do solo), (sub - bosque), topo das árvores (dossel).

A movimentação dos animais entre as paisagens (horizontal e vertical) é percebida e relacionada com a variação temporal. Para os caçadores, além do “calendário ocidental” o tempo é marcado pela percepção de variações ambientais. Os períodos de “inverno” e “verão” são as duas grandes estações do ano e estão diretamente associadas aos meses de chuva e estiagem da região.

Outros trabalhos também levaram em consideração os períodos de chuva e estiagem como os principais marcadores temporais das estações, nem sempre coincidindo com o ciclo estacional oficial (Descola, 1996; Marques, 1991; Souto, 2004). As variações hidrológicas (cheia-seca), correspondem aos níveis da água do rio e também servem de marcadores temporais. O padrão dos rios amazônicos é intensamente marcado por períodos alternados de inundações e secas, os quais determinam a sazonalidade dos recursos naturais e das atividades humanas (Moran, 1990). O regime fluvial pode ser dividido em quatro estações, seca, enchente, cheia e vazante. Esta sazonalidade é percebida como causa de interferência na biologia e no comportamento das espécies, e conseqüentemente na variação da disponibilidade destes recursos para as populações humanas (Moran, 1990).

Ao longo das estações ocorrem épocas relacionadas as principais frutificações (do buriti, do mari, do açaí, etc.); ou marcadas pela ocorrência e comportamento de uma espécie animal, utilizando - a também como indicador biológico de variações climáticas: “época da paca gorda é quando o rio começa a secar e as frutas se acumulam nas margens do rio”.

O ciclo mensal é marcado pelas fases lunar (lua crescente, cheia, nova e minguante) e influencia na estratégia de comportamento de algumas espécies e na técnica de caça devido a visibilidade proporcionada pela luz do luar.

Já o ritmo diário varia em “noite” e “dia” e também influencia na dinâmica espaço/temporal dos animais, alguns animais tem suas atividades preferencialmente diurnas como a cutias e os macacos, e outros noturnas como a paca e os tatus.

Estas variações na dinâmica espacial dos animais ao longo de um ciclo anual também podem ser percebidas em variações temporais maiores, ocasionadas devido a mudanças ambientais ou influencias humanas. Os caçadores que residem na área a mais de trinta anos, por exemplo,

afirmam que o número de animais de cada espécie aumentou nos últimos anos devido a mudanças de fatores sócio-econômicos ocorridos desde a época em que chegaram para morar no Cuieiras, pois antigamente entravam muitos barcos de outras localidades para caçar em grande quantidade e com o passar do tempo as comunidades foram proibindo e controlando o livre acesso.

CONCLUSÃO

O saber local é um conhecimento experimental e engajado nas práticas do dia-a-dia e, como uma outra forma de ver a biodiversidade, ele deve ser devidamente incorporado dentro de um diálogo de saberes, em programas de conservação e manejo da fauna. Alguns elementos dos saberes apontam para esse caminho como um conhecimento aprofundado sobre os habitats e comportamento dos bichos e a percepção de variação da abundância dos animais ao longo do tempo. Existem programas de manejo comunitário que já vem caminhando nesse sentido como o realizado por Ulloa *et al.*, (1996) com comunidades indígenas Embera do Parque Nacional Natural Utría na Colômbia.

Dessa forma se torna inviável insistir em um modelo de conservação que não parta de um diálogo com os atores locais. O esforço que foi empreendido pela etnoecologia até hoje foi de tentar sistematizar o conhecimento tradicional e testá-lo para ver sua validade perante a ciência (Nazarea, 2006), entretanto a idéia é de que o conhecimento local não é só uma informação para ser testada ou um conhecimento para ser desconstruído, vendo se ele é ou não “científico”, mas sim um conhecimento autêntico singular, construído de forma diferente na maneira de encarar a relação homem-natureza, pois apesar de se perceber equivalências em termos de conhecimentos ecológicos, estas são construídas com base numa outra cosmovisão, como demonstrado pela percepção da diversidade nas formas de classificações etnobiológicas empregadas pelos caçadores do Rio Cuieiras na Amazônia. <P/>

Agradecimentos

INPA-Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, IPE-Instituto de Pesquisas Ecológicas, ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) IEB - Instituto internacional de Educação do Brasil (Bolsa BECA).

REFERÊNCIAS

- Berkes, F. 1999. Sacred ecology: traditional ecological knowledge and resource management. Taylor & Francis. 209p.
- Descola, P. 1996. Constructing nature: symbolic ecology and social practice. In:
- Descola, P. and Pálsson, G. (ed). Nature and society: anthropological perspectives. New York, Routledge:82 - 102.
- Frecchione, J.; POSEY, D.; Silva, L. F. 1989. The perception of ecological zones and natural resources in the Brazilian Amazon: an ethnoecology of Lake Coari. *Advances in Economic Botany*, 7: 260 - 282.
- Hirsh, E. & Hanlon, M. (ed.) 1995. The anthropology of landscape. Perspectives on place and space. Clarendon Press. Oxford. 268pp.
- Ingold, 2000. The Perception of the Environment. Routledge. London and New York. 495pp.
- Marques, J. G. W. 1991. Aspectos ecológicos na etnoecologia dos pescadores do complexo estuarino-lagunar Mundaú - Manguaba, Alagoas. Tese de Doutorado em Ecologia. UNICAMP. Campinas, S.P. 292p.
- . -. 2002. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Em: Amoroso, M. C. M.; Ming, L. C. & Silva, S. P. (editores) Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro, S.P. UNESP/CNPq. p.31 - 46.
- Moran, E. A. 1990. Ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis: Editora Vozes.
- Nazarea, V.D. 2006. Local knowledge and memory in biodiversity conservation. *Annual Review of Anthropology*, 35:317 - 335.
- Odum, E. G. 1988. Ecologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 434pp.
- Posey, D. 1997. Ethobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, B. (org). *Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia*. 3ª edição. Belém: Editora da UFPA.
- Ricklefs, R. E. 2003. (ed.) A economia da natureza. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 501pp.
- Souto, F. J. B. 2004. A ciência que veio da lama: uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano/manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia. Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais. UFSCar, São Carlos, S. P. 319pp.
- Ulloa, A.; Rubio, H.; Campos, C. 1996. *Trua wuandra*. Bogotá: OREWA, Fundação Natura, UAESPNN, OEI.